

HELICÓPTEROS E CHUCHU NA SERRA

Considerações a partir do encontro de autores Brasil-Alemanha.

Novembro, 1993

Zulmira Ribeiro Tavares

Seguem-se considerações sobre o tema **Literatura e Identidade**, algumas expostas nos cinco seminários do encontro entre autores brasileiros e alemães, outras desenvolvidas a partir de notas realizadas em função dos trabalhos.

Penso que a noção de identidade abarque um amplo arco que vai do universo psicofísico ao psicossocial e desse ao sócio-econômico. É, por assim dizer, um termo guarda-chuva que tudo cobre. Na noção acha-se incluída a relação entre o mesmo e o diverso, o eu e o outro. O sentimento do que vem a ser exótico, a ação do preconceito, ocorrem no espaço comum da identidade, e muitas outras noções a ela remetem de uma ou de outra forma, como aquela da memória, e o seu avesso, a noção do esquecimento.

Em um mundo que se intercomunica cada vez mais e no qual, apesar disso, as diferenças econômicas e culturais aumentam, o significado do que vem a ser identidade coloca-se para o escritor com toda a carga disparatada da sociedade contemporânea. Claro então que identidade pressupõe identidades e comumente antagonismo, eles próprios matéria para a obra de ficção.

Recentemente tive a oportunidade de ler o livro da escritora sul-africana, Nadine Gordimer, **July's People**¹ (O Pessoal de July) onde a relação entre o cidadão branco e o negro oscila ao longo do texto: a identidade e o estranhamento, o comum e o exótico fluem de um para o outro, misturam-se, alternam-se; do que resulta um universo mesclado, sombrio, inseguro, narrado numa linguagem simples cuja complexidade é obtida com a descrição "estrita" de pequenos diálogos, ações, paisagens. Um texto que num estilo raso, não acentuado, mostra exatamente o que há de pouco linear na relação entre "identidades" e de que forma nelas a memória é ora preservada, ora perdida, ora fonte de confusão e angústia por ocorrer numa linha de fronteira e dentro de uma inversão de expectativas (um empregado negro e sua pequena comunidade dá abrigo ao patrão branco e sua família).

Sobre os atributos da identidade étnica e cultural como possível fator de preconceito pensei em um conto meu (sem entrar aqui em qualquer juízo de valor a respeito) intitulado **O Japonês dos Olhos Redondos**, nome também do livro onde se encontra, e que trata aproximadamente do seguinte:

Dois amigos almoçam juntos num domingo e conversam sobre o vizinho na casa defronte àquela onde ocorre o almoço, de propriedade de um deles, o narrador. O outro amigo mostra ao narrador, como o seu vizinho, sendo japonês, é desse e daquele jeito, assim e assado, utilizando para isso uma espécie de bombardeio verbal cuja munição contém todos os estereótipos sobre o imigrante japonês no Brasil. Contudo, à medida que a exposição avança numa progressão desatinada, vai nascendo da conversa entre ambos a verdadeira nacionalidade do japonês: de fato um polonês de quase dois metros, cabelos vermelhos encaracolados, olhos azuis e **redondos**. A despeito dessa evidência, que brota do

¹ Penguin Books, 1981.

emaranhado das duas falas, o narrador, tão desejoso de início em fazer ver ao amigo que o japonês afinal de contas não o era, acaba por se render à sua eloquência; não pelo convencimento mas pelo cansaço, no qual transparece contudo uma faísca de admiração pela “lógica” imbatível da desrazão, já que esta ocorre em um espaço fechado aos contratempos, percalços e “miudezas” da realidade.

Ainda assim, não pretendi com o conto a tolice de ilustrar algo nem demonstrar uma tese. Apenas recriar por meio da ficção em uma escrita de exacerbação grotesca, uma das possíveis formas assumidas pelo exercício verbal preconceituoso. Porém, se num primeiro plano isso de fato ocorre, no seu conjunto (assim julgo, posso contudo estar enganada), a compreensão truncada de uma identidade étnica e cultural funde-se a outros temas, reapresentando apenas a densidade e o caráter problemático da comunicação social em si, com seus impasses, variações e peso afetivo.

Na Alemanha, onde estive em outubro de 92 para comentar o romance **O Nome do Bispo** traduzido para a língua alemã, ocorreu em Hamburgo um episódio curioso. Notei no auditório da Biblioteca Pública onde o encontro se dava, um japonês, ou filho de, um senhor de meia idade que parecia cansado, mas dali não arredava pé. No fim da leitura em duas línguas, quando foram feitas perguntas à tradutora (Maralde Meyer-Minnemann) e a mim sobre o romance, ele me disse que lendo dados a meu respeito ficara sabendo de um livro cujo título vinha a ser **O Japonês de Olhos Redondos**. Por que? perguntou-me ele, já que os japoneses não tem os olhos redondos? Dei-me conta então que ele só permanecera ali tanto tempo (e por vezes pareceu-me que dormia com o tronco ereto e a cabeça erguida) à espera da oportunidade de me fazer a pergunta. Furneci-lhe os esclarecimentos pedidos e ele acabou comprando o romance traduzido e que visivelmente até ali não o interessara. Talvez por simples gentileza, talvez por imaginar que o livro, afinal de contas, pudesse trazer desdobramentos às considerações que eu havia acabado de lhe fazer. Não sei. E essa, tirando o pessoal da casa, foi a única venda do romance efetuada naquela noite! Um caso, como se vê, de alguém que num universo de “olhos redondos” sentindo-se sempre o “outro”, teve sua atenção chamada ao ver o traço mais marcante de sua etnia - os olhos puxados - ser-lhe escamoteado no conto de uma brasileira.

A identidade alheia, ao ser conhecida apenas em seus traços mais superficiais pelo olhar que nela se detêm, se é uma das causas do preconceito o é também da sedução: pelo outro e seu universo parcialmente velados na distância.

Essa apreensão econômica, pobre, falseada, e que constitui os traços do exótico, na obra de Thomas Mann resulta em matéria de grande força. (Na medida em que uma leitora de seus livros apenas em tradução pode julgar). A mesma limitação redutora que num guia de turismo acena com espalhafato para a sedução do outro, do desconhecido, em Thomas Mann reverte para o próprio olhar que a constitui; quando a esse olhar é dado conhecer - exatamente por meio da formação exótica - a fragilidade da própria identidade, o delicado tecido social e psicológico de que são feitas as identidades, a possibilidade de esgarçamento e mesmo de desagregação que as ronda, todas elas.

Muitas e muitas identidades “outras”, leves máscaras exóticas, nasceram na obra de Thomas Mann a partir de um mesmo olhar: o dos comerciantes sólidos, loiros, do norte da Alemanha. Em **Os Buddenbrook**, por exemplo, (além das conhecidas figuras “estranhadas” do romance, Gerda, Cristian, outros, principalmente Gerda) até a cidade de Munique, da época em que se passa a narrativa, fica meio exoticazinha!

Quanto ao sentimento de identidade pelo ângulo da nação, penso nas amplas formações coletivas onde nascem e são sedimentados os mitos da nacionalidade e do caráter nacional; e que me vieram à lembrança a partir de um pronunciamento de Paulo Emílio Salles Gomes sobre a memória do país. Ainda

que tal pronunciamento se aplicasse explicitamente às políticas públicas de preservação, seu teor, como se verá abaixo, ilumina um campo mais amplo, aquele onde se movem as fantasmagorias da identidade brasileira, um dos caminhos para o entendimento da sua literatura.

“Acho que o descaso em relação à nossa História mais antiga está ligado a um profundo e inconsciente horror ao passado, o que é compreensível: ódio à miséria social de nosso passado, à opressão colonial, à dependência. Quanto ao passado recente, julgo que a maioria das coisas no Brasil é feita para ser inaugurada. Intenções demagógicas e mau acabamento se combinam então para explicar a precariedade das realizações. Aliás, as decadências prematuras são doenças do subdesenvolvimento. Acrescente-se ainda que, no Brasil, não há tradições culturais importantes - uma continuidade de esforços e de pesquisas, de geração em geração. E, também, que os países jovens tendem a ver o seu próprio passado como algo longínquo. Na verdade, a intimidade com o passado surge à medida que envelhecemos. Infelizmente, quando estamos prestes a compreender tudo sobre nós mesmos, é a hora de morrer.”²

Nesse pronunciamento como se pode observar, o papel da memória (e memória alimentada, defendida e muito bem preservada pelo registro material) emerge como a possibilidade primeira do autoconhecimento para a formação de uma consciência também do literário. Contudo acho que se pode ainda pensar a memória (do ponto de vista do leitor) em uma acepção mais simples, menos determinada, apenas como o seu conteúdo figurado no tempo, quando então se verifica que a ficção se faz também com o seu avesso, o esquecimento. Em Proust isso é claramente observado: a integridade, ou a verdade da narrativa, não surge apenas daquilo que emerge, que se lembra, que se redescobre, mas também daquilo que se esgarça nas voltas da vida, que perde os seus fios, que fica obscuro, daquilo que se oculta a uma identidade perfeita.

A identidade dos personagens proustianos oscila não só pelos diferentes olhos que os vêem e pela variedade do tempo em que são fixados, mas também por aquilo que deles não se sabe, ou que ficou perdido, e **não foi redescoberto**.

Finalizando, lembro que nos tópicos discutidos nos dois dias do encontro no Instituto Goethe o problema para o escritor da “inspiração” veio frequentemente à tona quando foram levantadas questões do fazer literário.

Entendo eu a inspiração sem muito mistério; como a intuição da possibilidade de um processo criativo. Como toda e qualquer intuição sua característica é a síntese de um procedimento que existe apenas como virtualidade. O trabalho a seguir, com a discriminação dos elementos contidos na operação intuída, é que irá lhe dar visibilidade, validá-la ou não.

Penso que no fazer literário (e em outros processos de natureza similar) a intuição apresenta-se à consciência com uma força impositiva bastante peculiar por apontar a grande diversidade de apreensões e idéias que irão constituir a forma literária; essa por sua vez ainda entranhada no real “bruto”, ainda prospecção de forma, desenho vago do real.

Observei também no encontro a tendência a se voltar às questões ditas de forma e conteúdo. Pareceram-me mesmo elas ser o cerne das muitas conversas e trocas de idéias ocorridas. Assim, em determinado momento, quando se discutiu a possibilidade de um conteúdo político ser determinante na obra literária (motivo de muitas dúvidas), lembrei-me de apresentar um exemplo de como ele, político,

² Transcrito em *Veja* 4.10.1976 - O artigo original deve ter saído na década de 60.

poderia nela, obra, incidir; pois me parece que é aí, como sempre, que a natureza da forma **pega** (sobre dores e amores pouco determinados não parece haver problemas quanto à legitimidade de um conteúdo se fazer forma). Para isso me servi da seguinte fábula:

- Estou eu nessa cidade de S. Paulo observando e vivendo. De uns tempos para cá começo a perceber nas telas da televisão alguns anúncios de companhias de seguros sobre saúde em que o paciente é atendido na própria casa, levado de maca por enfermeiros uniformizados em um branco limpíssimo para dentro de um helicóptero. O helicóptero põe a girar as pás de sua hélice com um agito de besouro e lá vai pelos céus a fora, sendo o paciente salvo no momento **exato** (em determinada seguradora há mesmo um plano ainda mais sofisticado, o Plano de Saúde VOANDO MAIS ALTO, ao qual além do helicóptero acrescentam-se três horas por ano de vôo em um **jato-UTI** com Unidade de Terapia Intensiva). Como observadora desinteressada observo ao mesmo tempo a situação da saúde no país e o seu ponto mais frágil, o atendimento aos doentes de AIDS. A doença apenas, como bem assinalou um comentarista de jornal, poderá liquidar com o sistema de saúde do Brasil, já de si sendo o que é. Observo também que os donos dos planos de saúde cobram mais dos velhos pelo correspondente risco maior que eles lhes trazem mas excluem desses mesmos planos o atendimento das doenças degenerativas e outras próprias de sua faixa etária.³ (Mas tem o helicóptero). Ao mesmo tempo escuto aqui e ali o que se continua conversando sobre AIDS na cidade. Uma médica diz a uma amiga que por sua vez me diz: eles (os aidéticos) estão crescendo em S. Paulo como dá chuchu na serra. Sou levada a pensar tanta coisa ao largo do crescimento da doença; por exemplo, como a expressão “dando como xuxu na serra” é comum e fala alegremente do desejo e da disponibilidade das muitas mulherinhas bem dispostas deslocando-se Brasil a fora com a mesma facilidade com que crescem certas plantinhas no país. Penso particularmente no reinado do chuchu, leguminosa fácilíssima de crescer, que dá em toda parte, penso nas serras quando as olho da estrada passando de carro, de um lado a Serra do Mar, de outro a da Mantiqueira, nas pequenas plantações nas encostas, na cultura espontânea dessa e daquela hortaliça. E sempre o helicóptero por cima de minha cabeça e do meu telhado.

Com alguns desses elementos em mãos (os mais sisudos) poderei facilmente fazer um artigo de denúncia e crítica (de intervenção política). Mas se for fazer ficção cada possibilidade trazida pelo olhar do observador que sou eu, passando e vivendo, irá adquirir um acento diferente; nada do observado poderá se perder, as indagações como escavadeiras deverão ir cada vez mais fundo, revolver a superfície, descobrir novas relações. E o “conteúdo político” nisso tudo? Diria que sim, lá está, se a forma por fim resultar em algo tão desequilibrado e ainda assim tão conexo que se poderá ter a visão imediata de uma grande, cerrada, discrepante paisagem brasileira. - Os helicópteros em S. Paulo. O sr. Governador os põe também a todos sobre o céu do meu telhado atrás de algum pé-de-chinelo correndo em baixo no bairro. E o chuchu. O chuchu. Em anos passados, com a alta do chuchu em S. Paulo muito feirante fez a América. Teve gente que comprou palacete com chuchu. Muito esquisita essa história. Merece ser investigada. A alta! do dólar? Não. Do chuchu.

Mas não acredito que vá escrever um tal conto afinal. Não conseguirei.

Então, numa modesta homenagem a esse conto não havido posso bem chamar algumas considerações de natureza diversa que recordei a partir do encontro entre escritores brasileiros e alemães em S. Paulo, com o nome da pequena fábula: Helicópteros e Chuchu na Serra. Pois, pensando bem, se o conto saísse iria falar um pouco, tenho quase a certeza, da identidade nacional no literário. Mas não vai.